



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum39.105.A002>

A concepção de morte na história e a COVID-19: uma retrospectiva teórica

The conception of death in history and COVID-19: a theoretical retrospective

Taimara Foresti

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID <http://orcid.org/0000-0002-0569-5257>

E-mail: taiforesti@gmail.com

Máisa Hodecker

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID <http://orcid.org/0000-0001-5273-1575>

Andréa Barbará S. Bousfield

Professora de Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina Brasil.

ORCID <http://orcid.org/0000-0002-4333-4719>

E-mail: andreabs@gmail.com

Resumo

A relação do homem com a morte foi se modificando ao longo do tempo. No decorrer da história, diversas foram as concepções desse fenômeno no imaginário social. Por meio de uma retrospectiva teórica, o objetivo deste estudo é abordar a concepção de morte ao longo da civilização ocidental e suas implicações. No contexto de pandemia pela infecção da COVID-19, a compreensão da morte sofre significativas modificações devido a: privação/restrições de rituais, consequências na elaboração do luto, aos locais das mortes e dos enterros, entre outros. A morte nesse atual cenário é representada através do alto índice estatístico de mortalidade e isso acarreta em implicações, como a relativização e a desumanização das vítimas. Com isso, é de suma importância a realização de projetos e ações que visem sensibilizar e humanizar essas mortes, além de legitimar o luto de maneira reflexiva e adequada quando possível.

Palavras-chave: COVID-19; Morte; Luto; Pandemia

Abstract

Man's relationship with death has changed over time. The conceptions of this phenomenon have been diverse in the social imagination. Through a theoretical retrospective, the aim of this study is to address the concept of death throughout Western civilization and its implications. In the context of a pandemic due to the COVID-19 infection, the understanding of death undergoes significant changes due to: deprivation / restrictions of rituals, consequences in the elaboration of mourning, the places of deaths and burials, among others. Death in this current scenario is represented by the high statistical mortality rate and this has implications, such as the relativization and dehumanization of the victims. Therefore, it is extremely important to carry out projects and actions that aim to raise awareness and humanize these deaths, in addition to legitimizing mourning in a reflexive and appropriate way when possible.

Keywords: COVID-19; Death; Mourning; Pandemic.

Resumen

La relación del hombre con la muerte ha cambiado con el tiempo. A lo largo de la historia, las concepciones de este fenómeno han sido diversas en el imaginario social. A través de una retrospectiva teórica, el objetivo de este estudio es abordar el concepto de muerte en toda la civilización occidental y sus implicaciones. En el contexto de una pandemia por la infección COVID-19, la comprensión de la muerte sufre cambios significativos debido a: privaciones / restricciones de rituales, consecuencias en la elaboración del duelo, los lugares de muertes y los entierros, entre otros. La muerte en este escenario actual está representada por la alta tasa de mortalidad estadística y esto tiene implicaciones, como la relativización y la deshumanización de las víctimas. Por ello, es sumamente importante realizar proyectos y acciones que tengan como objetivo concienciar y humanizar estas muertes, además de legitimar el duelo de una manera reflexiva y apropiada cuando sea posible.

Palabras clave: COVID-19; Muerte; Luto; Pandemia.

Introdução

A morte se faz presente diariamente na vida das pessoas e é compreendida como parte do ciclo vital dos seres humanos (Salmazo-Silva, Zemuner, Rodrigues, Andrade, Martiniano, & Falcão, 2012). A relação do homem com a morte foi se modificando ao longo do tempo (Nascimento & Roazzi, 2007). A compreensão do fenômeno da morte não se refere somente ao fim da vida biológica, mas também em demais aspectos como, culturais, simbólicos, históricos e socialmente construídos. Abordá-lo demanda conhecer a maneira como os vivos interpretam e lidam com essa fase do ciclo da vida (Silva, 2019). As diversas culturas buscam compreender a morte sob aspectos peculiares. Portanto, é necessário localizar a partir de qual cultura esse artigo irá dialogar, neste caso será alicerçado na sociedade ocidental (Diniz, 2001).

Diante disso, faz-se necessário discorrer brevemente sobre o percurso histórico acerca da concepção de morte e suas modificações ao longo dos anos. Ao analisar a morte situada em meados do século XVIII, compreende-se este como um assunto doméstico e usual, isto é, não havia separação radical entre a vida e a morte. Uma “boa morte”, significava estar cercado de entes queridos com cerimônia aberta à comunidade, sepultamento na igreja ou cemitério ao lado (Diniz, 2001).

Nos primórdios, a morte era compreendida como uma ausência que poderia ser reparada a partir do seio do grupo, tornando-se assim pública. Dessa forma, encontrava-se alicerçada em ritos e crenças coletivos que representavam defesas contra a angústia, possibilitando ao homem a ilusão de continuidade (Rodrigues, 2006; Pinto & Baia, 2014).

A partir do século XIX, com o advento do Iluminismo e das revoluções burguesas o pensamento racional e a secularização da vida cotidiana fizeram com que o óbito deixasse de ser socialmente compartilhado. Passou-se a morrer no hospital. Assim, os mortos foram apartados dos vivos, confinados, por fim, na periferia das cidades. A partir disso, passou a pairar sobre os mortos o silêncio civilizado, a indiferença aparente e a atitude racional. Além de uma prática que visa remover da vida o peso da morte (Diniz, 2001). O homem ocidental começou a repensar a maneira como contemplava e

interpretava a morte. Esse acontecimento, que antes era algo mais familiar, passou a ser reprimido e negado, configurando-se em um tabu na atual modernidade (Morin, 1970).

Dessa forma, desde os primórdios da civilização humana houve angústias metafísicas em relação ao culto aos mortos (Aranha & Martins, 1993). Além de ser entendida como uma fronteira do fim da vida, a morte se apresentava como fenômeno de outra realidade. Caracterizando-se assim, em um processo misterioso e ainda temido pelo homem. Isso favorece o comportamento evitativo das pessoas sobre pensar no significado que a morte possui (Pinto & Baia, 2014). Desde os romanos, a palavra ‘morte’ era representada a partir de perífrases, como “se foi”, “parou de viver”, “faleceu”, na tentativa de não se referir diretamente a esse fenômeno (Gurgel, 2008).

A morte permeia o imaginário das pessoas e suas fantasias defensivas, para isso constroem uma representação de muralha, uma espécie de distanciamento contra a ideia de sua própria morte (Combinato & Queiroz, 2006).

Na modernidade prevalece uma preferência pelo afastamento, fuga e seguir o percurso da vida como se a morte não existisse. Analisa-se que esses comportamentos são adotados já que “morrer é lidar com a impotência e a falta de controle” (Salmazo-Silva et al., 2012, p. 186). Tendo isso em vista, o processo da morte causa medo e emoções negativas que repercutem em suas comunicações, e, por conseguinte, nas próprias concepções sobre seu significado. Como trata-se de algo desconhecido, a morte desafia a compreensão humana e dá vazão ao imaginário social. Os seres humanos são marcados pela temporalidade da vida, lutam contra a ideia de finitude, sobressaindo o dualismo: vida e morte. Diante desse desconhecido, o homem busca explicações por meio de religiões, filosofia, história e/ou na cultura sobre o que acontece no pós-morte (Pinto & Baia, 2014). As diferentes concepções sobre o fenômeno não são estanques e acabadas, dependem do contexto simbólico, histórico e social em que são construídas e compartilhadas (Silva, 2019).

Na conjuntura atual de pandemia pela COVID-19, permeia-se não somente a concepção sobre o próprio morrer, mas também de familiares, parentes, amigos, vizinhos, entre outros. O limiar da experiência humana se encontra na morte do outro, que remete a vivência da perda, da dor e saudade de um indivíduo insubstituível. Porém, essa experiência não está sequer próxima de esbarrar com a própria experiência do morrer

(Caputo, 2008). Compreende-se que as vivências da morte são construídas em torno de quem será a vítima, e quanto mais próximo de si mais será significativa. Em última instância, discutir sobre a morte consiste em repensar à própria vida (Silva, 2019).

Nesse sentido, cabe ressaltar o cenário atual decorrente da pandemia pela COVID-19, no qual o Brasil apresenta alto índice de mortalidade em um curto espaço de tempo (Crepaldi, Schmidt, Noal, Bolze, & Gabarra, 2020). Para ilustrar tamanha mortalidade, no dia 06 de setembro de 2021 o *site* oficial do Ministério da Saúde (2021) publicou a atualização dos números de óbitos em território brasileiro causados pela COVID-19, ultrapassando de 580 mil mortes até a presente data.

Objetivo

Esse estudo teórico busca refletir sobre a trajetória histórica da concepção da morte e do morrer e sua implicação social.

Metodologia

Diante desse cenário pandêmico e da presença da morte sendo noticiada diariamente nos veículos midiáticos, surgem diversos questionamentos, dentre eles: Como o fenômeno da morte está sendo e poderá ser representado a partir desse evento histórico e social? Para auxiliar na compreensão da concepção da morte e suas possíveis implicações a partir das experiências vivenciadas com a pandemia, esse artigo fará uso de um percurso bibliográfico transitando sobre a temática e utilizará de notícias divulgadas pela mídia para aprofundar o entendimento contexto atual. Essa discussão será alicerçada teoricamente a partir da concepção de alguns autores, principalmente Ariès (2003; 1989), Diniz (2001), Kübler-Ross (1987), Crepaldi et al., (2020) Combinato e Queiroz (2006). Portanto, esse estudo teórico busca refletir sobre a trajetória histórica da concepção da morte e do morrer e sua implicação social.

Resultados

A concepção da morte na história e suas implicações no social

A morte é simbólica, histórica e socialmente construída. Para além de um processo exclusivamente biológico, a morte é uma elaboração cultural e abordá-la significa compreender suas concepções e práticas advindas dessas elaborações. Embora seja atualmente entendida de forma negativa, nem sempre foi tida como tabu (Silva, 2019).

A sociedade ocidental teve suas raízes na civilização grega, assim como no judaísmo e no cristianismo que, por sua vez, foram religiões que influenciaram fortemente a cultura ocidental. Na Idade Média houve transformações na forma de interpretar a morte e o morrer. Por volta dos séculos V até o XIII, a morte era considerada como algo corriqueiro, um acontecimento natural da vida. Portanto, nessa época era normal o adoecido, idoso ou aquele que pressentia a própria morte realizar uma espécie de despedida, expondo suas vontades e pensamentos antes de sua partida (Ariès, 1989).

Nessa época, por impossibilitar tal despedida, mortes repentinas eram consideradas “castigos de Deus”. Os mortos eram enterrados sem caixão e em grandes valas, nas quais eram depositados diversos cadáveres juntos. Após o evento, os familiares e amigos realizavam manifestações de luto (Ariès, 1989). A partir do século XII, na segunda Idade Média, reina a incerteza por detrás da morte, pois a igreja era incumbida da função de intermediar o acesso da alma ao paraíso. O julgamento final era visto como o ato imediato pós-morte, que resultaria na ida ao inferno ou ascensão aos céus a depender de suas ações enquanto vivo. Com essas transformações sobre a morte e o morrer as pessoas passaram a temer a misericórdia divina. Viver passava a ser uma preparação para o morrer, quando as almas seriam julgadas, e, a partir disso, salvas ou eternamente perdidas (Ariès, 1989; Silva, 2019).

Na baixa Idade Média já não era mais aceito socialmente chorar ou se desesperar durante o luto. O cadáver passa a ser considerado como algo insuportável, sendo por séculos oculto em uma caixa sem acesso visual. Logo após a morte, o corpo do falecido era imediatamente e completamente incinerado, modificando sua estrutura e depositado em um caixão de madeira (Ariès, 1989). A sociedade do século XIV foi assolada pela peste, pela fome, pelas cruzadas, pela inquisição; uma série de eventos provocadores de óbitos em massa. A total falta de controle sobre os eventos sociais teve seu reflexo também na morte. A mesma, passou a viver lado a lado com o homem como uma

constante ameaça a perseguir e pegar a todos de surpresa (Kastenbaum & Aisenberg, 1983).

A partir do século XVIII na Idade Moderna, a morte era encarada como uma drástica ruptura entre a vida e a morte, vista como um lado violento e cruel pós vida. Não eram mais sepultados nas igrejas os mortos, mas sim em cemitérios localizados às margens da cidade. Outra mudança diz respeito a forma de depositar os corpos em cemitérios: o local deveria ser exato e único daquele falecido para ser de acesso a sua família (Ariès, 1989). O luto passa por uma transformação, sendo experienciado em demasia. Em outras palavras, para os vivos, a morte e o luto eram mais difíceis de serem superados se comparados com outros tempos. Entretanto, temia-se a morte do outro em detrimento da própria morte. Mesmo diante das mudanças ocorridas a morte continuava algo familiar encarado como consequência do viver (Ariès, 1989).

No final do século XVIII, os túmulos foram individualizados por questões político-sanitárias. Para manter a organização sanitária das cidades, desenvolveu-se uma medicina urbana de análise, controle e organização do espaço, pois era preciso reduzir o perigo nefasto que os mortos representavam (Foucault, 2012). Dessa forma, não somente o cemitério migrou para a periferia das cidades, como também os caixões se tornaram individuais, permitindo classificar os mortos, higienizar o meio e, conseqüentemente, proteger os vivos.

Com a vinda da segunda metade do século XX, ocorre que a morte deixa de ser familiar, passando agora a ser um objeto de interdito. O local da morte não é mais em domicílio ou em meio a familiares, mas sozinho no hospital. O velório também não é mais realizado na residência dos familiares, devido a questões de higiene e questões psicológicas decorrentes da experiência da situação (Ariès, 1989).

Essa interdição da morte culmina até a modernidade, na qual evita-se falar no assunto. A exemplo das explicações dirigidas às crianças, representada como “viagem”, “espaço do céu” ou “descanso”. A partir disso, os ritos funerários passam a ser cerimônias mais discretas e breves, de forma a encurtar o período do luto. Espera-se que o enlutado consiga obter controle de suas emoções e sofra o luto apenas em sua intimidade. A morte, portanto, passa a não ser vivenciada, pois a cultura ocidental prioriza a preservação da

felicidade. Isso faz com que a morte seja cada vez mais negada, constituindo-se como um problema das sociedades individuais (Ariès, 1989).

Com a revolução científica a ciência apropriou-se do corpo humano que passou a ser tido como objeto de análise. A ideia de que o ser humano podia dominar a natureza pela ciência estendeu-se à estratégia da medicina de controlar a morte e, portanto, prolongar a vida. A morte passou a ser considerada não como o limite da vida, mas algo que está distante do controle total da medicina (Silva, 2019). As mudanças sociais expressas pelos avanços tecnológicos são cada vez mais intensas e velozes (Kübler-Ross, 1987). O homem tem se tornado cada vez mais individualista, preocupando-se menos com os problemas da comunidade. Essas mudanças têm seu impacto na maneira com a qual se lida com a morte. O homem da atualidade convive com a ideia de que a qualquer momento ele pode ter sua vida ameaçada. Portanto, diante de tanto descontrole sobre a vida há necessidade de defender-se psiquicamente contra a morte. Assim, vários mecanismos psicológicos de defesa são despendidos pelos indivíduos perante a inesperada morte (Kübler-Ross, 1987).

Nos séculos XX e XXI, há um pacto de silêncio com a dor e a privatização culminando na diminuição da duração do luto, cortejos fúnebres, condolências, visitas e das últimas homenagens. Há neutralização dos ritos funerários e a economia dos sentimentos e das emoções. Além disso, a pessoa em adoecimento nos hospitais e posterior óbito se transforma em número. Ao mesmo tempo que se perde a humanidade, extingue-se o processo de morrer tanto para quem morre quanto para os que ficam (Rodrigues, 2006).

Durante a idade média o luto teve ampla vigência entre as famílias, mas veio perdendo espaço. O sofrimento público se transformou em inadequação. Naquela época, a sociedade estabelecia aos familiares um tempo de reclusão, para que pudessem resguardar sua dor e impedir que esquecessem rapidamente da pessoa falecida (Ariès, 2003). Na atualidade, com a interiorização do sofrimento, o trabalho do luto foi modificado por razões de conveniência social e pelo enaltecimento do individualismo. A dor de um enlutado não faz mais parte das preocupações coletivas e o sofrimento precisa ser um processo discreto (Negrini, 2014). Torna-se comum a sociedade ocidental encarar a morte com atitudes de negação. No decorrer do cotidiano, na maioria das vezes, a

finitude humana não é cogitada e as pessoas vivem como se a morte não estivesse presente em suas relações (Negrini, 2014).

Até o momento, pode-se perceber como o fenômeno e as concepções da morte e do morrer foram sendo transformadas com o decorrer dos séculos e momentos históricos. As atitudes perante a morte sofreram modificações por longos períodos de tempo, sendo elas elaboradas lentamente pelo social (Ariès, 2003). Com essas mudanças e significações sobre a temática, não houve apenas mudanças nas formas de compreendê-la, mas também no modo de vivenciar o luto, cerimônias, rituais religiosos, nos comportamentos daqueles que perderam alguém próximo e, até mesmo o local de enterro dos mortos.

A morte e o morrer frente a pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos

De acordo com a Folha de São Paulo (2021), no Brasil o número de óbitos por COVID-19 atualizados no sexto dia do mês de setembro de 2021 já ultrapassa 580 mil. Outro dado importante é revelado por UOL (2020), ao criticar o Ministério da Saúde pela potencial omissão de dados sobre novos casos de pessoas infectadas e número de óbitos atualizados sobre a COVID-19. Por conta disso, é importante salientar que os dados aqui apresentados dizem respeito tão somente aos casos que foram notificados, ou seja, não constam os dados de subnotificações existentes (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2020).

Ao explicar sobre como a realidade brasileira vem se apresentando frente à pandemia, um fato que chama atenção é justamente o alto índice de mortalidade causados pela doença. Uma das questões referente às mortes causadas pela COVID-19 no Brasil e que merece destaque nesse estudo é a grande quantidade em número de óbitos em um curto período de tempo, o que pode acarretar em algumas implicações psicológicas (Taylor, 2019) e alterações na maneira de concepção da morte e do morrer. Pois, as pandemias se associam a perdas em massa, tanto de vidas humanas, quanto de rotinas, conexões sociais face a face e estabilidade financeira (Taylor, 2019; Weir, 2020; Scanlon & McMahon, 2011). Nesse contexto, a morte e o morrer se tornam diariamente ainda mais corriqueiros e árduos.

Além disso, outra questão relevante é a maneira como a realização de rituais de despedida entre pessoas doentes na iminência da morte e seus familiares, bem como a

realização de rituais funerários estão se tornando mais complexos, dificultando a experiência de luto (Crepaldi et al., 2020; Eisma, Boelen, & Lenferink, 2020; Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz], 2020). Isso se deve em parte ao fato de haver neste momento medidas de restrições, como o distanciamento e isolamento social. A pandemia impõe desafios extras e impedimentos aos enterros e rituais de despedida nos casos de terminalidade (Crepaldi et al., 2020). Dessa maneira, a presença da morte que já é repleta de dificuldades, adquire um caráter mais penoso para os familiares das vítimas.

Outro fator relevante para compreender como a morte está sendo vivenciada nesse contexto, diz respeito aos óbitos ocorridos fora do ambiente hospitalar. Os óbitos por COVID-19 têm ocorridos também em domicílio. Estes, podem acontecer devido a dificuldades de acesso a serviços de saúde, como a disponibilização de leitos e por haver um colapso dos serviços funerários (Zibell, 2020; Social Science in Humanitarian Action Platform [SSHAP], 2020). Logo, o hospital, que antes era referência de um lugar no qual resguardava a morte (ideologia higienista), bem como protegia as famílias da doença, o doente das pressões emocionais e, a sociedade da morte (Rodrigues, 2006), agora, pelo atual cenário, essas ações se tornam mais complexas, pois as mortes estão ocorrendo em domicílio.

Quando ocorre um falecimento em domicílio, é demandado que as famílias permaneçam por longo tempo com o ente falecido em casa até sua remoção ou é exigido a abertura de valas comuns, por conta do aumento diário de óbitos (Zibell, 2020; Albuquerque, 2020). Diante desse cenário, os rituais funerários para com o ente falecido também são modificados. Se antigamente, a morte fazia parte do ambiente doméstico (Combinato & Queiroz, 2006), atualmente a presença da morte a domicílio acarreta em um processo de luto mais desafiador, à medida em que os familiares consideram que o falecido não recebeu o ritual funerário merecido (Ingravallo, 2020). Além disso, os ritos presentes em nossa sociedade ocidental têm caráter protetivo e restaurativo do conjunto social, bem como ocupam um lugar legítimo e necessário para diminuição da angústia da morte (Rezende, Santos, Caldeira, & Magalhães, 1995).

A expressão de sentimentos é fundamental para o desenvolvimento funcional do processo de luto (Combinato & Queiroz, 2006). O luto consiste em um processo normativo de adaptação às perdas permeado por emoções, pensamentos, sensações físicas

e mudanças comportamentais (Wallace, Wladkowski, Gibson, & White, 2020; Worden, 2018), sendo preponderante para a elaboração de perdas de indivíduos significativos. Os rituais de despedida - como velórios e enterros - tendem a ser organizadores, vindo a favorecer a resolução do luto (Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz], 2020). Tais rituais estão proibidos ou são realizados com muitas restrições durante pandemias, pois aglomerações de pessoas pode aumentar os contágios, e, por conseguinte, de mortes (Scanlon & McMahon, 2011). Por conta disso, o processo de despedida e elaboração do luto estão sendo afetados. Apesar de esse cenário não ser novo, devido a outras pandemias como a de *influenza* H1N1 (Taylor, 2019), tais mudanças tendem a dificultar práticas culturais e religiosas tornando o processo de luto desafiador (Crepaldi et al., 2020).

Nesse contexto atual de pandemia é fato a existência de complexidades. Sejam elas no âmbito da vivência do luto, quanto nas práticas de rituais de despedidas, como velórios e enterros. Salienta-se ainda, outro fator importante que esse estudo em particular, visa destacar: a representação das mortes pela COVID-19 como meros números e suas implicações.

Em entrevista sucedida a TV Cultura (2020), a antropóloga Débora Diniz conta de seu projeto para transformar, novamente, os números e estatísticas de óbitos por COVID-19 em pessoas, seres humanos que possuíam famílias, sentimentos, relações, afetos. Segundo a antropóloga, a COVID-19 tem transformado as vidas das pessoas, assim como sua relação com o luto. Na matéria Débora explica que “a multidão que morre vira estatística, e a estatística nos desumaniza. Então eu tive que fazer um esforço como leitora para buscar relíquias, pedacinhos daquela vida nas notícias que vinham aos montes” (TV Cultura, 2020). O projeto @reliquia.rum (*Instagram*) visa humanizar as mortes, transformando-as em arte, em uma parceria com o artista plástico Ramon Navarro. Ainda de acordo com a entrevista ao supracitado canal televisivo, a antropóloga reflete que “a pessoa sai doente da casa e ela não volta mais, e nós sequer podemos viver os rituais [fúnebres], que são sofridos, mas são rituais comunitários, familiares, de despedida, se retira a possibilidade de iniciar a trabalhar o luto. Então, ele deixa o buraco da dor ainda maior”.

Outro projeto que obteve significativo impacto social na mídia foi a homenagem que o jornal O Globo realizou em parceria com o Projeto Inumeráveis, transformando a

estatística de mortes por COVID-19 em uma reflexão humanizada. Ambos realizaram um memorial para as pessoas que morreram por COVID-19, espalhando seus nomes em um cartaz, de forma a sensibilizar os espectadores diante das milhares de vidas perdidas pelo novo coronavírus. Esse memorial foi construído por artistas e jornalistas como forma de criticar o posicionamento insensível de informar números, estatísticas e dados, reduzindo as mortes, suas histórias e pessoas por detrás disso (Observatório da Imprensa, 2020). Na complexidade das cidades grandes, sentir a morte do outro é relativizado, porque ele é apenas mais um que morre (Rezende et al., 1995). Esse entendimento pode-se aplicar a esse contexto de pandemia da COVID-19, na qual a morte se reduz a um número na estatística.

Pode-se perceber durante toda a trajetória sobre a morte que trata-se de um processo natural à condição humana. Já a desumanização das mortes, que atualmente permeia o contexto vigente decorrentes da COVID-19, é uma leitura social que necessita ser considerada como relevante e que carece de transformação. A negação da presença da morte intensificou-se no período da pós-modernidade, época em que o sujeito tem um olhar individualizado. O indivíduo não pode ser perturbado com a morte do outro, pois lembra a sua própria finitude e isso pode prejudicar o seu prazer individual (Negrini, 2014). Para além das implicações individualistas compartilhadas, a concepção da morte como mera estatística é desumana. Ao relatar as pessoas que faleceram em decorrência da COVID-19 apenas como números, conforme pode-se perceber nas informações extraídas das notícias, percebe-se uma redução de sua história e uma relação de apatia para com seus familiares.

Considerações finais

Esse estudo apresenta a morte como um fenômeno complexo, histórico e social. A concepção da morte e do morrer foi sendo modificada com o passar dos tempos, assim como as práticas que envolvem o processo do luto, cerimônias e rituais religiosos de despedida aos falecidos, entre outros. Percebe-se com isso que as implicações sociais

da concepção sobre a morte repercutem nas atitudes e comportamentos contemporâneos, assim como nas futuras atividades culturais que envolvem a morte e o morrer. Pois, em cada tempo, cultura, grupo e indivíduo há um significado atribuído a ela (Combinato, 2006).

O presente artigo não tem a pretensão de encerrar a discussão sobre todas as perspectivas do fenômeno da morte e do morrer, mas refletir e suscitar novas inquietações a partir do exposto. Foi traçado no estudo o desenvolvimento histórico e social da morte com vistas para a cultura ocidental, especificamente no Brasil, descrevendo as diferentes maneiras de lidar com esse fenômeno e seus rituais até o contexto atual de pandemia pela COVID-19.

Compreende-se que a concepção da morte e do morrer no contexto atual da pandemia, evidencia diversas modificações complexas a respeito da temática, tais como: a privação e restrições de rituais; as consequências na elaboração do luto; os locais das mortes e enterros; os sentimentos expressos; a forma como se portar diante do enlutado, entre outras. Destaca-se um ponto que esse estudo procurou descrever, no qual se refere à concepção da morte como números estatísticos e suas implicações, sua relativização e a desumanização das vítimas.

Com isso, é de suma importância a realização de projetos e ações (como o projeto @reliquia.rum e Projeto Inumeráveis) que visem sensibilizar e humanizar as mortes pela COVID-19 e a legitimidade do luto de maneira reflexiva e adequada. Além disso, atenta-se para a importância de profissionais como psicólogos, que possuem o dever ético de comparecer e atuar em momentos de crise oferecendo suporte aos familiares para a concretização de seus rituais e despedidas. Reforça-se que até a presente escrita que data 07 de setembro de 2021, o país já registra mais de 580 mil mortes decorrentes da COVID-19, segundo notícias no *site* oficial do Ministério da Saúde.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Referências

Albuquerque, A. N. (2020, 21 de abril). Enterros triplicam, e cemitério de Manaus abre valas comuns para vítimas do coronavírus. Folha de S. Paulo. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/enterros-triplicam-e-cemiterio-de-manaus-abre-valas-comuns-para-vitimas-do-coronavirus.shtml>

Aranha, M. D. A., & Martins, M. H. P. (1993). *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna.

Ariès, P. (1989). *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Teorema.

Ariès, P. (2003). *História da morte no ocidente*. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro.

Brasil (2021). Ministério da Saúde: *Painel Coronavírus [site]*. Recuperado de <https://covid.saude.gov.br/>

Caputo, R. F. (2008). O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Revista multidisciplinar da UNIESP*, 05, 73-80. Recuperado de http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf

Combinato, D. S., & Queiroz, M. D. S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(2), 209-216. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413294X2006000200010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>

- Diniz, A. D. S. (2001). A iconografia do medo. *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 113-150.
- Eisma, M. C., Boelen, P. A., & Lenferink, L. I. (2020). Prolonged grief disorder following the Coronavirus (COVID-19) pandemic. *Psychiatry Research*, 288, 113031. <https://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113031>
- Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). (2020). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19*. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado de <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/sa%c3%bade-mental-e-aten%c3%a7%c3%a3o-psicossocial-na-pandemia-covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-covid-19.pdf>
- Folha de São Paulo. (2021). *Brasil registra 296 mortes por Covid em 24 h e mais de 16 mil casos* [site]. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/09/brasil-registra-296-mortes-por-covid-em-24-h-e-mais-de-16-mil-casos.shtml>
- Foucault, M (2012). *Microfísica do poder*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Gurgel, W. B. (2008). *Direitos sociais dos moribundos: controle social e expropriação da morte nas sociedades capitalistas*. (Tese de Doutorado em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, Brasil). Recuperado de <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp136142.pdf>
- Ingravallo, F. (2020). Death in the era of the COVID-19 pandemic. *The Lancet Public Health*, 5(5), e258. [https://dx.doi.org/10.1016/S2468-2667\(20\)30079-7](https://dx.doi.org/10.1016/S2468-2667(20)30079-7)
- Kastenbaum, R., & Aisenberg, R. (1983). *Psicologia da Morte* (AP Lessa, Trad.). São Paulo: EDUSP. (Original publicado em 1976).

- Kübler-Ross, E. (1987). *Sobre a morte e o morrer* (T. L. Kipnis, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969).
- Morin, E. (1970). *O homem e a morte*. 2ª ed. Europa-América.
- Nascimento, A. M. do, & Roazzi, A. (2007). A estrutura da representação social da morte na interface com as religiosidades em equipes multiprofissionais de saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 435-443. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300011>
- Negrini, M. (2014). A significação da morte: um olhar sobre a finitude humana. *Revista Sociais e Humanas*, 27(1), 29-36. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/6592/pdf>
- Observatório da Imprensa. (2020). *Memorial dos 10 mil mortos da covid-19: quando o jornalismo troca números por vidas [site]*. Recuperado de <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/coronavirus/memorial-dos-10-mil-mortos-da-covid-19-quando-o-jornalismo-troca-numeros-por-vidas/>
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2020). *Coronavirus disease 2019 (COVID-19). Situation Report*. 88. Genebra: WHO. Recuperado de <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331851>
- Pinto, L. F., & Baia, Â. F. (2014). A representação da morte: desde o medo dos povos primitivos até a negação na atualidade. *Revista Hum@nae*, 7(1).
- Rezende, A. L. M. D., Santos, G. F. D., Caldeira, V. D. P., & Magalhães, Z. R. (1995). Ritos de morte na lembrança de velhos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 48(1), 07-16.

Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. SciELO-Editora FIOCRUZ.

Salmazo-Silva, H., Zemuner, M. N., Rodrigues, P. H. da S., Andrade, T.B. de, Martiniano, V., & Falcão, D.V. da S. (2012). As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), 185-206.

Scanlon, J., & McMahon, T. (2011). Dealing with mass death in disasters and pandemics. *Disaster Prevention and Management*, 20(2), 172-185. <https://dx.doi.org/10.1108/09653561111126102>

Silva, É. Q. (2019). Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. *Revista Bioética*, 27(1).

Social Science in Humanitarian Action Platform (SSHAP). (2020). Key considerations: dying, bereavement and mortuary and funerary practices in the context of COVID-19 (Brief). Recuperado de <https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/bitstream/handle/20.500.12413/15236/SSHAP%20COVID-19%20brief.%20Death%20and%20funerals.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Taylor, S. (2019). *The psychology of pandemics: preparing for the next global outbreak of infectious disease*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.

TV Cultura. (2020). "A multidão que morre vira estatística, e a estatística nos desumaniza", diz Débora Diniz no #Provoca [site]. Recuperado de https://tvcultura.com.br/noticias/7965_a-multidao-que-morre-vira-estatistica-e-a-estatistica-nos-desumaniza-diz-debora-diniz-no-provoca.html

UOL. (2020). *Com dados omitidos, Brasil registra 35.930 mortes e 672.846 casos de covid* [site]. Recuperado de <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas->

[noticias/redacao/2020/06/06/coronavirus-covid19-brasil-casos-mortes-6-junho.htm](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52129845)

Zibell, M. (2020, 1 de abril). Mortos em casa e cadáveres nas ruas: o colapso funerário causado pelo coronavírus no Equador. BBC News Brasil. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52129845>

Wallace, C. L., Wladkowski, S. P., Gibson, A., & White, P. (2020). Grief during the COVID-19 pandemic: considerations for palliative care providers [Ahead of Print]. *Journal of Pain and Symptom Management*, 60(1), 70-76. <https://dx.doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>

Weir, K. (2020, April, 1). Grief and COVID-19: mourning our bygone lives. *American Psychological Association*. Recuperado de <https://www.apa.org/news/apa/2020/04/grief-covid-19>

Worden, J. W. (2018). *Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner*. New York: Springer.